



3.º ANNO

REVISTA DO MINHO

3.ª SÉRIE

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

DIRIGIDA POR JOSÉ DA SILVA VIEIRA

E COLLABORADA POR TODOS OS FOLK-LORISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

N.º 8 VOL. III

ESPOZENDE, 24



REDACÇÃO
e
administração
da
REVISTA DO MINHO
R. do Becco Doce
ESPOZENDE

NOITE DE NATAL

Pela noite de Natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhando vai José,
Caminhando vai Maria,
Ambos os dois p'ra Belem,
Mais de noite que de dia;
E chegaram a Belem,
Já toda a gente dormia.

—Porteiro, abri a porta,
Porteiro da portaria.

A porta não quiz abrir
A gente que não conhecia.

—Dilatem-se ahi, senhores,
Até que rompa o dia;
Comam d'essas hervas verdes,
Bebam n'essas aguas frias.

S. José foi pelo lume,
Que elle temor lhe fazia.

Quando José veio co' o lume,
Já a Virgem 'stava parida.
Tal era a sua pobreza,
Que de panno se temia! (*sic*) (1)
Deitou as mãos á cabeça,
Tirou um véu que trazia,
E em tres pedaços o fez,
E Jesus-Christo involvia.
Jesus-Christo vai andando,
Sua mãe chorando vai.

—Porque choras, minha mãe,
Porque choras, madre mia?
Se choras pelos meus pannos,
Para mim pannos havia.
Aqui tens este corpo santo,
Que na cruz o pregaria.

*

(1) Isto é: temia-se da sua falta,—parece.

E veio um anjo do Céu,
Rezando uma Ave-Maria.
Perguntou o Padre-Eterno:
—Como fica lá a parida?
—A parida ficou boa,
N'uma sérja (2) recolhida.
—Uma sérja não é nada
Para o que ella merecia.

Lá mandaram fazer um mosteiro,
Todo de pedra ladrilha:
S. João a arreguingál-a (3),
S. Pedro a retornál-a (4).
Entre almenda (5) e almenda,
Tres mil anjos ahi estavam (6).

J. Leite de Vasconcellos.



O NATAL

Lá na noite de natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhava S. José,
Mais a Virgem Maria.
Caminhavam p'ra Belem,
P'ra lá chegarem de dia.
Quando elles lá chegarm
Já meia noite seria,
S. José foi buscar lume,
P'r'aquecer a Virgem Maria.
Quando S. José chegou
Já Jesus era nascido,
Nasceu n'uns pobres portaes,
Que nem uns paninhos tinha.
Ella lançou mãos á cabeça

(2) Estrebaria.

(3) Arrancar. O povo tambem diz *arrincar*, e *arrigar*.

(4) Isto é, a picál-a.

(5) ?

(6) Colhi-o no Minho.

A uma touquinha que trazia,
E fel-a em quatro pedaços,
E o menino Deus cobria.
Veio um anjo lá do ceu,
Lindos paninhos lhe trazia,
Uns bordados a ouro,
Outros a cambraia fina.
Que mandava o Pae Eterno,
Para a Virgem Maria.
Foi o Anjo para o ceu,
Cantando a Ave Maria,
Lá no ceu lhe perguntavam,
Como ficou Maria.
—Maria ficou boa,
Na sua cella recolhida,
Que lhe a fez S. José,
Com a sua carpintaria,
Do mando do Pae Eterno,
Por ser para a Virgem Maria.—
Gloria seja a Deus Padre,
A Deus filho tambem,
Gloria seja ao Espírito Santo,
Para todo o sempre amem.

(Recolhido em Elvas, pelo sr. Manoel Coimbra,) e publicado por:

Antonio Thomaz Pires.



NATAL NA INGLATERRA

Em Inglaterra não se festejão as noites de natal como entre nós, mas o dia (um dos poucos que alli se guardão) é de uma solemnidade nacional. Além do grande jantar, que de ordinario consiste só em *roast beef* e *plum puddings* (pudim de ameixas) usa-se nas principaes casas da arvore do natal (*Chrit mastree*). Consiste ella num peque-

no arbusto, que, enfeitado de pequenas prendas e ornado com summa elegancia, se colloca no centro da sala aonde se reune uma multidão de crianças e seus paes e parentes. Numeradas as prendas, distribui-se pelos convivas os numeros, e, depois sendo chamados, entregão-se as que lhes correspondem. É curioso ver o afan que se dão as crianças para obter os melhores premios, que são sempre recebidos com grande applauso. De ordinario, começa a distribuição ou rifa pelas 10 horas da noite, e termina pelas 2 da manhã, pouco mais ou menos.

O mesmo, com pouca differença, se usa na Allemanha.



NATAL GALHOFEIRO

Em uma das républicas da America do sul é costume em noute de natal, sabir a rapaziada a cavallo, levando na garupa uma rapariga, seja ou não conhecida. Assim levão toda a noute. Chama-se a isto *paschoar*.

Como levão toda a noute n'aquillo, não ha que dizer.



Costume popular da Maia

O NATAL

A festa de familia, mais popular, e ainda hoje a mais bem viuda, é a do Natal.

As mulheres que estão casa-

das fóra da casa paterna vão na vespora do Natal com todos os seus filhos visitar os paes. Uma das filhas, ou uma creada, se as filhas são pequenas, conduz um cesto, com uma brôa de trigo com assucar e assafrão, a que se chama *ju-ma bróinha*, e figos, maçãs, castanhas, etc. Este presente denomina-se a *consoada*. Quando recolhem trazem quasi sempre outra consoada quasi identica que os paes lhe dão.

Côm estas familias reunidas, e passam a noite até tarde a verem as creanças partir pinhas e jogar e comer pinhões. Estas pinhas tambem se guardam contra as trovoadas. Antigamente se usava (o que hoje ainda alguns usam) deitar depois de cêa palha em toda a cozinha (ou sala em que estão reunidos) para as creanças saltarem á vontade sem se magoarem.

No lar arde um grande tóco de carvalho, que só se apaga no fim da noite, e se guarda para se tornar a accender na occasião de trovoadas conservando-se accesos até ellas passarem.

É grande mimo dar no Natal rozarios de pinhões e figos. Cada mysterio tem dez pinhões e um figo.

Os creados e creadas que tem a familia perto vão lá passar a noite, e levam tambem a seus pais a *consoada* que os amos lhes dão, na qual vão quasi sempre batatas e vinho; porque nesta noite é indispensavel vinho quente, isto é, vinho fervido com mel e assucar, e comido com sopas de pão.

Porto.

Maria Peregrina de Sousa.

A POESIA POPULAR

NOS

CAMPOS

(Continuado do n.º 9 da 2.ª serie)

Ovidio (parto sempre do principio que foi ele quem malquistou o snr. Castilho com as raparigas da aldeia), se obrigassem a amar

Trinta dias cada mez
E cada instante uma vez.

preferiria de certo o exilio a que Augusto o condemnou, e de que o poeta tanto se lastimava, ás galês de uma eternidade amorosa. As borboletas não nasceram para o quietismo, tem azas... vôam.

Querem os descrentes do amor aldeão pezar os filhos nos quilates da sua constancia:

Se te enfastia o eu querer-te,
E' força por fim deixar-te;
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Haverá ainda quem afirme que não saber senão amar seja um pecado? ou quem negue a constancia a quem precisa sêr ensinado a aborrecer?

Que differença d'essa simplicidade no bem querer ao orgulho dos poetas encartados, que publicam o seu coração n'um livro, e que como Byron e Lamartine, ungem os seus cantos com lagrimas... de crocodilo!

O amor nos campos dá-se e aceita-se por toda a vida, ou nega-se de prompto, e sem rodeios. O poe-

ta que ama, procura ardente como o sol a musa que o inspira; ella, se se sente cativa de outros affeitos, esquivase-lhe rapida como uma sombra.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será o mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me!

Uma delambida da cidade faria de certo parar o sol, como Josué, ainda que mais não fosse para contar á noute no baile o milagre, e rir-se com as amigas da ingenuidade do astro-rei.

A rapariga dos campos foje timida como uma sombra, e quasi envergonhada de tão guindados requiebros. Se porém os aceita, e casa (que de clamores não vae esta palavra levantar!) é com o mesmo frasco e vigo poetico que afirma diante das outras raparigas do lugar que vive alegre e satisfeita, cantando ao eleito do seu coração:

Eu casei-me e cativei-me,
Inda não me arrependi,
Quanto mais vivo contigo
Menos posso estar sem ti!

Um namoro que nas cidades não passa de um assunto comico. Em vez do mensageiro alugado e da confidente adestrada na telegrafia do requestador de officio, no campo são os dous interessados que correspondem directamente em transparentes e desprezenciosos remoques.

(Continúa)

L. A. Palmeirim.